

Introdução

Dentre as várias medidas que os países europeus estão tomando ultimamente para conter a onda imigratória, uma chamou, em particular, a minha atenção: o governo francês baixou um decreto municipal proibindo os romenos de pedirem esmola na Avenida Champs Elysée, a grande passarela turística parisiense. O imigrante – romeno – pego em flagrante terá que pagar multa de 38 euros, podendo ainda ser obrigado a retornar à Romênia. Além da evidente polêmica jurídica (ter como destinatárias apenas pessoas de uma específica nacionalidade; imposição de multa a quem, em tese, está abaixo da linha da pobreza), a lei suscita, ainda, pontos de reflexão, na medida em que conceitua a terra natal do estrangeiro como o lugar do castigo inapelável. O retorno à Romênia, no texto legal, equivale à ida ao inferno para os cristãos. Não bastasse, o decreto, nas entrelinhas, reconhece que existe uma distorção social, contudo, longe de resolvê-la, opta por torná-la invisível ao olhar turístico, a grande fonte de renda do país. O imigrante, então, é colocado à margem, longe da vitrine midiática, onde a sua mendicância seria, certamente, provocadora de mal-estar. A par de explicitar a discriminação, a medida, na verdade, expõe um quadro em que a supervalorização da imagem e a massificação da informação convivem com o fenômeno da invisibilidade.

Daí, a notícia ser citada logo na abertura desta tese, que tem como propósito investigar o olhar que a literatura contemporânea, ao tratar das diferenças sociais, culturais e identitárias verificadas nas sociedades ocidentais, dispensa aos migrantes trabalhadores em sua inserção no contexto de um capitalismo dito cibernético e industrial. Os romenos destinatários do decreto parisiense são mendigos; noutras palavras, estão desempregados. Não por coincidência, os jornais noticiaram, na mesma época, que o desemprego na Europa atingiu o seu maior índice desde 1998. O migrante, em regra, procura a sua inserção no novo meio social por meio do trabalho, condição não alcançada pelos romenos da Champs Elysée. A partir, então, de uma premissa que considera a importância do fator *trabalho* (e conseqüentemente do desemprego) neste sistema social, a tese, exatamente por isso, aponta e aposta numa direção que

insiste em não se relegar a um segundo plano aspectos socioeconômicos (que não se confundem com aspectos exclusivamente sociológicos e deterministas) na leitura dos contornos da chamada modernidade tardia.

Este século XXI, ao que parece, está destinado a consolidar o fenômeno da globalização (como se apresenta hoje) conjugado com aquilo que se convencionou chamar pós-modernidade. Não obstante a postura desconfiada que se possa ter a tais conceitos, globalização e pós-modernidade, inclusive no que toca às suas nomenclaturas, o fato é que todo esse processo, que é palpável, tem propiciado a existência simultânea de (i) várias culturas num mesmo espaço territorial urbano e (ii) um multiculturalismo conflitante. Abre-se, com isso, um leque de polêmicas que engloba desde o conceito de Estado-nação, e seus limites, até as definições em torno da identidade cultural. O caráter multidisciplinar domina este debate, cuja tônica consiste no aceno de possíveis mudanças de posturas paradigmáticas na própria literatura, a partir das narrativas, e nas teorias literárias. Sendo assim, a minha investigação teve como norte - a partir de obras literárias, de teorias da literatura e de ensaios que tratam da cena contemporânea - essa crise identitária, assim como os elementos sociais e econômicos que a envolvem, com enfoque específico na figura do estrangeiro oriundo da periferia. E por que esse migrante? Exatamente por ser um dos maiores ícones destes tempos pós-modernos e globalizados.

Neste cenário, detive-me nos liames que aproximam ao mesmo tempo em que diferenciam e distanciam os trabalhadores migrantes braçais dos trabalhadores migrantes intelectuais na luta por um lugar ao sol - leia-se: inclusão no mercado de trabalho. Um mercado que - repita-se - traz a marca do desemprego.

Hoje, o desemprego - e seus efeitos - ronda feito um espectro acima da horda de imigrantes que, cotidianamente, se deslocam da periferia em direção aos grandes centros urbanos. Um fato que, p. ex., estimula a formação de certas tribos urbanas colocadas à margem na paisagem urbana, além de criar um ambiente propício para a convivência com a ilegalidade e, com isso, submeter o migrante a trabalhos humilhantes ou a empregos degradantes. E gerar tragédias: navios naufragados com centenas de albaneses, no litoral italiano; mortes na fronteira do México com os Estados Unidos; jovens chineses mortos asfixiados, num caminhão, quando tentavam chegar à Inglaterra. Os exemplos são vários. São pessoas que, longe do deslumbramento e da fantasia turística, emigram da terra

natal em busca, se não exatamente de um Éden, de algum lugar supostamente “menos pior” daquele onde estavam. Buscam um lugar para, no estrangeiro, se sentirem em casa, carregando consigo valores, conceitos e sentimentos da casa natalina (não obstante, a demonização inserida no decreto parisiense). Buscam um espaço híbrido, na condição de “desenraizados”, mas, ao mesmo tempo, se sentem estranhos e provocam estranhamentos. Buscam, enfim, trabalho – exclusivo meio e modo capaz de possibilitar a inclusão, ou a ilusão da inclusão. São predeterminados pela necessidade e pelo lucro pós-moderno, segundo expressão de Silvano Santiago.

Na Europa e nos EUA existem as “agências de trabalho interino”, compostas por indivíduos prontos para serem empregados em qualquer circunstância, fazendo qualquer coisa, geralmente trabalho não qualificado, sem qualquer garantia trabalhista. A imprensa europeia chama de “escravos do Silicon” os jovens que passam dias e dias fechados em cubículos, onde comem e dormem e trabalham de forma ininterrupta. Trabalham não apenas para garantir o lucro da empresa empregadora, mas também e principalmente para garantir o emprego.

São sintomas da crise explicada por diversos fatores que vão desde o implemento da tecnologia de informação até às transformações vivenciadas pelo capitalismo, e que toma conta, inclusive, dos países do Primeiro Mundo. Estes países foram (e ainda são) marcados durante décadas por uma imigração progressiva, fruto quiçá de suas histórias colonialistas. E durante décadas os estrangeiros que ali aportavam com malas e família estavam destinados a ocupar cargos subalternos e subempregos. Hoje, a situação se alterou: é o próprio trabalhador nacional que quer para si este tipo de emprego, ainda que precário, desqualificado e sem garantias, pois outro não resta, e, inebriado pela competição acirrada, acusa o imigrante de invasor, de estar ocupando espaço alheio. Daí basta um passo para que o discurso ganhe invólucro de uma discussão racial e étnica, desencadeando, com isso, uma perversa “lógica do preconceito”. Por trás das vozes nacionalistas que bradam “fora, invasor!”, podemos ver entrelaçada uma rede de conceitos que envolve alteridade, miscigenação, mistura de crenças e religiões, mestiçagem, superposições interculturais, transculturação – hibridação, hibridismo, transdiferença.

Este quadro multicolor e multicultural, pincelado por nuances trabalhistas (relações de trabalho, regulamentações de normas trabalhistas) e políticas, admite múltiplas narrativas, leituras e críticas, inclusive sob o enfoque interdisciplinar. Entretanto, é curioso notar certa idealização, no meio acadêmico, com relação ao chamado “homem traduzido” e desenraizado, resultante do “mundo sem fronteiras”. E, de fato, a pretensão de sociedades multiculturais e supostos espaços híbridos, espécies de *terceira margem*, criam mais facilidades para a inclusão do migrante intelectual, até mesmo como forma de criar uma legitimação multicultural (ou aparente pluralidade cultural). Isso, por si só, não implica enquadrar o intelectual migrante da periferia como parasita cultural que se aproveita da sua condição de apátrida para se valer de uma certa liberdade. Ao revés, deve ser ressaltada a ocupação feita por estes apátridas em torno dos não-lugares, e a forma como transitam sem cerimônias pelos palcos acadêmicos.

Todavia, para os mesmo migrantes periféricos, só que trabalhadores braçais, é apresentado o outro lado da moeda, e ele é perverso. A mesma possibilidade de inclusão lhes é negada ou dificultada - rivais que são dos trabalhadores nativos (ainda que em torno de um espúrio subemprego) num cenário ultracompetitivo. E quando muito se idealiza a construção do homem traduzido, esses trabalhadores migrantes, quase sempre, ficam invisíveis.

A tese se permite olhar criticamente para este quadro, municiada por obras literárias e tendências contemporâneas de teorias da literatura acompanhadas por conceitos de outras disciplinas, como direito (especificamente, direito do trabalho), história e estudos culturais. E foi esse caráter multidisciplinar que procurei colocar em prática, ao analisar as narrativas escritas contemporâneas.

Não poucas obras literárias contemporâneas cuidam especificamente das diferenças decorrentes do encontro do migrante trabalhador, intelectual ou braçal, com outras culturas, e da possibilidade de plenamente realizar, ou não, um estágio de hibridação e de transdiferença. Mas, o meu interesse, na elaboração da tese, residiu sobretudo na escrita do intelectual vindo da periferia que retrata, por si e por suas próprias histórias, a trajetórias desses encontros e desencontros. O questionamento do tema na literatura contemporânea, dependendo do ângulo a partir da qual é visto, pode revelar a dificuldade encontrada pelos migrantes periféricos *não intelectuais* para serem inseridos no cotidiano das grandes sociedades urbanas. Sendo assim, percebi ser inevitável discutir a questão da

responsabilidade do intelectual, notadamente do escritor migrante, considerando, para tanto, aspectos que envolvem a sua experiência pessoal, o que me conduziu, também, para o terreno das *escritas de si*. Mais que isso, me debrucei sobre certas obras para verificar como alguns escritores migrantes, como Salman Rushdie, J. M. Coetzee e João Gilberto Noll, lidam com a temática da migração e do trabalho.

A partir daí, elegi o método da micro-história – a relevância do detalhe e do cotidiano aparentemente banal – como pertinente para pensarmos numa narrativa literária capaz de propiciar os efeitos de ressonância e de encantamento de que trata o historiador Stephen Greenblatt. Efeitos propiciados pela infinita imaginação literária do escritor que vai ao encontro da imaginação individual do leitor. Isso em uma “civilização da imagem” dominada por imagens pré-fabricadas. Nesse passo, entendi ser essencial observar na prática a produção desses efeitos, o que me levou a analisar detidamente um caso específico de micro-história, e selecionei um episódio que nos fosse familiar: *O crime do restaurante chinês*, obra do historiador Boris Fausto, acontecido em São Paulo. Movido pelo mesmo propósito, procurei verificar a chamada produção de presença (em complemento aos citados efeitos de ressonância e encantamento) na obra *O Leitor*, de Bernhard Schlink.

Como não poderia deixar de ser, destinei boa parte da tese na análise da crise do emprego, nos dias de hoje, e do mundo do trabalho, com foco específico no mundo do trabalho do migrante, tema que impôs um diálogo com questões contemporâneas do direito do trabalho e da legislação trabalhista, além da análise sobre o modo de produção capitalista. E quanto às narrativas que lidem com o tema, elegi dois autores brasileiros, Luiz Ruffato e Ana Paula Maia, que, cada um ao seu modo, conferem visibilidade a um mundo particularmente invisível, composto por trabalhadores invisíveis, no entanto essenciais para o nosso dia-a-dia. Uma *visibilidade* que vai de encontro com o teor do decreto municipal francês que cuida dos romenos.

Finalmente, para dar conta dessa visibilidade, e perseguido por uma constatação (hoje somos bombardeados por uma quantidade tal de imagens a ponto de não distinguirmos mais, com precisão, a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão ou na internet) e um questionamento (o poder de invocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se numa humanidade cada vez inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?) - ambos

formulados por Ítalo Calvino na sua proposta sobre visibilidade, uma das seis por ele formuladas para este milênio -, procurei amparo nos conceitos de Giorgio Agamben sobre contemporaneidade, tendo em vista a temática das narrativas contemporâneas, principal objeto da tese.

Em suma, a tese, com corpo investigatório e alma ensaística, propõe uma reflexão sobre o capitalismo e a tecnologia da informação, demonstrando que o elemento socioeconômico ainda continua, se não exclusivo, relevante, quiçá preponderante, na análise do encontro das diferenças nas sociedades urbanas atuais. Uma reflexão, enfim, capaz de revelar que o capitalismo não pode ser transparente; ele cria simulacros de massa, fala de velocidades que não levam a lugar nenhum, de geografias virtuais, destituídas de humanidade e de história, e que converte o mundo em diferença e pluralidade, numa lógica que se encaixa em qualquer estilo de vida, em qualquer fragmento, em qualquer cultura e geografia, porque é sempre a mesma e única coisa: consumo, violência, vulgaridade, misticismo, sucesso, competição. A partir dessa premissa, inserida na paisagem urbana e industrial, é possível constatar a presença de simulacros culturais que cabe ao pensamento crítico desfazer, tais como os próprios conceitos teóricos com que lidamos hoje, demonstrando que a análise da contemporaneidade a partir de superfícies, flashes, fragmentos à deriva envolve uma metamorfose do próprio capital, que encontrou nessa expressão em que tudo está desvinculado, em que tudo é transitório e fugidio uma estratégia de afirmar o ser humano como algo decididamente fungível, e o trabalhador, especificamente, como coisa, como mercadoria.

A tese, enfim, com os olhos voltados, de forma precípua e quase exclusiva, para a literatura contemporânea, propõe uma recusa a um pensamento do multiculturalismo pós-moderno que, simplesmente, descarta valores acumulados, que, se não eram capazes, por si só, de explicar as relações em sociedade, não podem ser simplesmente esquecidos ou repudiados. Ou tornados invisíveis, proibidos de circularem nas avenidas multicoloridas das grandes metrópoles.

São proposições suscitam o debate e, mais do que encerrar respostas, almejam abrir portas.